

CRIANÇAS COMO PARCEIRAS DE INVESTIGAÇÃO: ESCUTA, ÉTICA E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NO ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

CHILDREN AS RESEARCH PARTNERS: LISTENING, ETHICS, AND STORYTELLING IN PHYSICAL EDUCATION

NIÑOS COMO SOCIOS DE INVESTIGACIÓN: ESCUCHA, ÉTICA Y PRODUCCIÓN DE NARRATIVAS EN EL ENCUENTRO CON LA EDUCACIÓN FÍSICA

Jaqueline Costa de Lima¹ <https://orcid.org/0009-0009-8950-6588>
Rodrigo Lema Del Rio Martins² <https://orcid.org/0000-0002-1082-2425>

¹ Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; jaquelp75@hotmail.com

² Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil; rodrigodrmartins@ufrj.br

RESUMO As pesquisas com crianças têm sido tensionadas a superar perspectivas nas quais elas ocupam apenas o espaço de objetos de investigação, sendo um desafio reconhecê-las como parceiras desse processo. Nesse movimento, os aspectos éticos também passam a ser refletidos para além do cumprimento de exigências burocráticas, compreendendo-se a ética como um processo que perpassa toda a investigação. Este artigo objetiva refletir sobre os desafios éticos que emergem na construção de uma pesquisa com crianças da Educação Infantil nos encontros de Educação Física. A pesquisa, fundamentada na pesquisa-ação do tipo existencial, aqui é revisitada por meio das narrativas produzidas durante a investigação, orientando-se pelo Paradigma indiciário e buscando indícios de como esse processo foi vivenciado pelas crianças e pela professora-pesquisadora. A análise foi organizada em três movimentos: a construção da parceria com as crianças; as narrativas como possibilidade de escuta e produção de sentidos e os desafios éticos emergentes no cotidiano da pesquisa. Os resultados evidenciam que reconhecer as crianças como parceiras de pesquisa exige construir formas de participação, escuta, interpretação e negociação que não se limitam a procedimentos previamente definidos. Conclui-se que a ética se constituiu como uma prática relacional, compartilhada e continuamente reconstruída nas interações estabelecidas com as crianças.

Palavras-chave: Pesquisa com crianças; ética na pesquisa; narrativas infantis.

ABSTRACT: Research with children has been under pressure to move beyond perspectives where they only occupy the space of objects of investigation, making it a challenge to recognize them as partners in this process. In this movement, ethical aspects also start to be reflected beyond just meeting bureaucratic requirements, understanding ethics as a process that runs throughout the research. This article aims to reflect on the ethical challenges that emerge in designing research with Early Childhood Education children during Physical Education sessions. The research, based on existential action research, is revisited here through the narratives produced during the investigation, guided by the Evidential Paradigm and looking for clues about how this process was experienced by the children and the teacher-researcher. The analysis was organized into three movements: building the partnership with the children;

narratives as a possibility of listening and making sense, and the ethical challenges that come up in everyday research. The results show that recognizing children as research partners required creating ways of participating, listening, interpreting, and negotiating that weren't tied to pre-set procedures. The conclusion is that ethics became a relational practice, shared and continuously rebuilt through interactions with children.

Keywords: Research with children; Research ethics; Children's narratives.

RESUMEN: Las investigaciones con niños han estado tensionadas a superar perspectivas en las cuales ellos ocupan solo el espacio de objetos de investigación, siendo un desafío reconocerlos como socios de este proceso. En este movimiento, los aspectos éticos también pasan a ser reflexionados más allá del cumplimiento de exigencias burocráticas, comprendiendo la ética como un proceso que atraviesa toda la investigación. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre los desafíos éticos que emergen en la construcción de una investigación con niños de Educación Infantil en los encuentros de Educación Física. La investigación, basada en la investigación-acción del tipo existencial, aquí se revisita mediante las narrativas producidas durante la investigación, orientándose por el Paradigma indicativo y buscando indicios de cómo este proceso fue vivido por los niños y por la profesora-investigadora. El análisis se organizó en tres movimientos: la construcción de la colaboración con los niños; las narrativas como posibilidad de escucha y producción de sentidos y los desafíos éticos emergentes en la vida cotidiana de la investigación. Los resultados muestran que reconocer a los niños como socios de investigación requirió construir formas de participación, escucha, interpretación y negociación que no se limitaran a procedimientos previamente definidos. Se concluye que la ética se constituyó como una práctica relacional, compartida y continuamente reconstruida en las interacciones establecidas con los niños.

Palabras clave: Investigación con niños; Ética en la investigación; Narrativas infantiles.

Introdução

Os estudos sobre a criança foram historicamente marcados pelo predomínio de abordagens oriundas principalmente da área da saúde, privilegiando aspectos biológicos, pediátricos e psicológicos (Ferreira; Tomás, 2023). Nessas perspectivas, a infância era amplamente concebida por imagens sociais de *menorização* que situavam as crianças como sujeitos a serem vigiados, protegidos e interpretados pelos adultos, o que contribuiu para consolidar um cenário de pesquisas sobre crianças e não com elas (Martins Filho; Martins Filho, 2023).

A partir da década de 1990, a crítica à crença de uma criança universal e à compreensão da infância como uma etapa sem autonomia, sempre em transição para a vida adulta, impulsionou novas reflexões sobre a infância (Sarmiento, 2015). Nesse contexto, as crianças passam a ser reconhecidas como atores sociais, rompendo com a compreensão de que seriam apenas seres em desenvolvimento ou destinatários da proteção adulta (Sarmiento; Pinto, 1997).

Essa mudança paradigmática leva à emergência de um campo multidisciplinar, no qual há uma mobilização de saberes em torno de um objeto próprio: a criança e a infância (Sarmiento, 2015).

Os estudos sociais da infância contribuíram para deslocar as crianças da condição de objetos de investigação para participantes das pesquisas, implicando uma reestruturação nas relações entre adultos e crianças também nos processos de pesquisa (Coutinho, 2016; Brostolin; Azevedo, 2021). Porém, considerá-las como atores sociais não garante que suas vozes sejam efetivamente consideradas nas pesquisas desenvolvidas com elas (Sarmiento; Pinto, 1997). Nesse sentido, Sarmiento (2015) destaca a metodologia da pesquisa com crianças como um dos eixos para o desenvolvimento de um olhar crítico sobre esses estudos, indicando a necessidade de superar a posição da criança apenas como destinatária da pesquisa, reconhecendo-a como parceira na construção de conhecimento.

As implicações desse deslocamento não se restringem às escolhas metodológicas, alcançando também os aspectos éticos da pesquisa com crianças. Nessa perspectiva, busca-se superar concepções que compreendem a criança como um “vir-a-ser”, orientadas por perspectivas desenvolvimentistas e etapistas ou que as reduz a sujeitos a serem analisados e interrogados (Fernandes, 2016; Martins Filho; Martins Filho, 2023).

A ética precisa ser percebida não somente como uma etapa burocrática da investigação, mas como parte constituinte de todo o processo investigativo (Carvalho; Guizzo, 2020). Essa compreensão tensiona os modos tradicionais de fazer pesquisa, e a posição da criança e do pesquisador, emergindo desafios para concretizar essa perspectiva de construir o estudo com as crianças. Dentre esses desafios, pode-se destacar a necessidade de manter coerência conceitual, teórica e metodológica; romper com relações de submissão e subalternidade comuns nas relações entre adultos e crianças; e repensar as formas de produção e análise de dados com as crianças (Coutinho, 2016; Brostolin; Azevedo, 2021; Martins Filho; Martins Filho, 2023).

Entre as demandas éticas institucionais e aquelas que se estabelecem na relação com o *outro-criança* no processo de pesquisa, o pesquisador não tem, indiscutivelmente, uma tarefa simples (Fernandes, 2016). Martins *et al.* (2024) apontam que, no campo da Educação e, mais especificamente, no campo da Educação Física brasileira, alguns pesquisadores têm se debruçado sobre as formas de se fazer pesquisas com crianças.

A partir, principalmente, da aproximação com a Sociologia da Infância e com os Estudos com os Cotidianos, diferentes pesquisadores da Educação Física têm apontado possibilidades para a pesquisa com crianças (Mello; Barbosa; Martins, 2023). Entretanto, ainda se mostra um desafio refletir sobre os aspectos éticos, que muitas vezes aparecem como pano de fundo, ou compreendidos somente como o preenchimento de termos de autorização ou assentimento

(Zandominegue; Alves; Zanotto, 2023). Permanece, portanto, a necessidade de compreender como essas questões éticas se materializam nas relações estabelecidas entre pesquisador e crianças ao longo do processo investigativo.

É nesse contexto que se insere esta pesquisa, na qual objetiva refletir sobre os desafios éticos que emergem na construção de uma pesquisa com crianças da Educação Infantil nos encontros de Educação Física. Consideramos relevante compreender a ética como um processo que se inicia na *entrada no campo* e não se encerra com o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Método

Este artigo é um recorte da dissertação intitulada “O planejamento da Educação Física com a Educação Infantil em uma perspectiva de coautoria”, defendida no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF)¹. Revisitamos os dados, voltando-se para os desafios éticos implicados na pesquisa com crianças, especialmente no que se refere à produção e à interpretação das narrativas e ao reconhecimento das crianças como parceiras de investigação.

Esse processo investigativo foi construído em parceria com 18 crianças² de uma turma de pré-escola, com idade entre cinco e seis anos, da rede municipal do Rio de Janeiro. O contexto investigado foi aquele em que eu própria atuava como professora-pesquisadora, assim o estudo se desenvolveu em uma experiência na qual eu também era participante. Essa condição perpassa a produção e análise dos dados, e por isso, opto pelo uso da primeira pessoa na escrita do artigo, assumindo minha implicação no contexto e no processo investigativo.

A escolha dessa turma em específico se deu pela postura mais passiva em nossos encontros: as crianças aguardavam meus direcionamentos, envolviam-se pouco nas atividades livres e demonstravam distanciamento de uma postura mais autônoma durante os momentos em que estávamos juntos.

A investigação fundamentou-se na ideia de que planejar com as crianças é também um modo de pesquisar com elas e, por isso, constituiu-se como um exercício de escuta, flexibilidade e abertura (Lima, 2026). Nessa perspectiva, a pesquisa foi concebida como uma prática

¹ A referida dissertação foi produzida e defendida no polo do ProEF na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Campus Seropédica).

² Este estudo foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o Parecer nº 7.439.166/2025. As crianças tiveram seus respectivos nomes substituídos por nomes fictícios inspirados em personagens da literatura e de desenhos infantis.

compartilhada com as crianças, cujos desdobramentos foram sendo negociados ao longo do nosso percurso investigativo.

Para que essa perspectiva se materializasse, foi necessário repensar as formas de produzir dados com as crianças. Assim, adotamos como orientação metodológica a pesquisa-ação do tipo existencial (Barbier, 2003), compreendida como um movimento que demanda transformações nos sujeitos envolvidos na investigação, neste caso, tanto em mim, na condição de adulta pesquisante, quanto nas crianças.

Como procedimentos metodológicos, utilizamos: observação participante, diário de campo, fotografias, desenhos e rodas de conversa com as crianças, partindo da compreensão de que uma única fonte de dados não seria suficiente para apreender a diversidade de suas produções e modos de expressão.

As produções das crianças foram analisadas sob inspiração do *Paradigma Indiciário* (Ginzburg, 1989), buscando *indícios* e *pistas* presentes nos diferentes registros produzidos ao longo da investigação. O *Paradigma Indiciário* propõe um olhar atento aos detalhes que possam parecer insignificantes em um primeiro olhar, mas que podem revelar sentidos quando analisados em articulação com o contexto pesquisado (Ginzburg, 1989). Trata-se de uma perspectiva que valoriza as singularidades presentes no cotidiano, inclusive aquelas que podem escapar a abordagens mais lineares. Assim, voltamos nosso olhar para as produções das crianças buscando recorrências e singularidades que nos ajudassem a compreender como se deu o processo de planejar e pesquisar com as crianças.

Neste artigo, retomamos os registros produzidos com um *olhar indiciário*, compreendendo como a ética foi sendo construída ao longo do processo investigativo. Assim, mais do que um requisito burocrático, buscamos evidenciar a ética como uma dimensão relacional que perpassa o encontro com as crianças, as escolhas metodológicas e a interpretação de suas produções. Esse olhar permitiu perceber recorrências, singularidades e ausências, interpretando-as em diálogo com autores do campo da Educação e da Educação Física que se apoiam na Sociologia da Infância.

Para isso, revisitaremos as narrativas da professora-pesquisadora, buscando *indícios* de como esse processo se constituiu com as crianças, desde a *entrada no campo* até a devolutiva da pesquisa, problematizando o que se faz e o que se produz na interação com elas.

As crianças como parceiras de investigação

CRIANÇAS COMO PARCEIRAS DE INVESTIGAÇÃO: ESCUTA, ÉTICA E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NO ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Jaqueline Costa de Lima • Rodrigo Lema Del Rio Martins

No movimento de pensar a pesquisa com crianças, fomos desafiados a refletir sobre como elas se constituiriam como parceiras de investigação e não como alvo de nossas intervenções. Esse deslocamento busca superar uma perspectiva centrada unicamente no adulto-pesquisador (Coutinho, 2016; Brostolin; Azevedo, 2021).

A proposta era, junto às crianças, construir o planejamento dos encontros semanais de Educação Física em dias letivos, tendo como objeto de investigação as brincadeiras tradicionais/populares. Para isso, elaborei um “pré-planejamento”, no qual o início e o fim do itinerário pedagógico foram projetados, enquanto o percurso permaneceu em aberto para ser construído e reconstruído em parceria com elas.

Em busca de mobilizar as crianças nessa investigação, a pesquisa foi apresentada como um mistério a ser desvendado: o “Mistério das brincadeiras”. A proposta era descobrirmos como adultos e crianças poderiam construir os encontros de Educação Física e que, a cada encontro, uma nova pista contribuiria para ampliar essa descoberta. Nesse contexto, o primeiro momento com elas foi dedicado a pensarmos juntos sobre o que é uma pesquisa, seus objetivos e como ela se desdobraria nas próximas semanas.

Por meio do nosso TALE, elaborado em formato de Livrinho de Brincar (Imagem 1), as crianças foram apresentadas à investigação e convidadas a participar da pesquisa.

Imagem 1 – Exploração do TALE



Fonte: os autores

Mais do que atender uma exigência ética formal, esse momento foi pensado como uma possibilidade de aproximar as crianças do estudo e construir condições para que compreendessem seus objetivos e participassem dele. Nessa direção, Fernandes (2016) destaca a importância de pensar outras formas de ouvir as crianças, tornando a pesquisa acessível a elas.

A construção da parceria com as crianças exigiu que o planejamento e a pesquisa, muitas vezes, se tornassem um único movimento e, por isso, constituiu-se como uma prática

CRIANÇAS COMO PARCEIRAS DE INVESTIGAÇÃO: ESCUTA, ÉTICA E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NO ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Jaqueline Costa de Lima • Rodrigo Lema Del Rio Martins

compartilhada, assentada na escuta e na negociação (Pinazza; Focchi, 2018). Para materializar essa proposta, foram criados diferentes momentos e dispositivos de escuta por meio das narrativas e das proposições das crianças, possibilitando que reorientassem o processo investigativo. Essa escolha se aproxima do pensamento de Fernandes (2016, p. 763), ao destacar “[...] a necessidade de se pensar outras formas de ouvir as crianças, não em um movimento de negar o tradicional, mas de tornar acessível às crianças, através de linguagens próximas à cultura infantil”.

Nesse sentido, após o convite à participação das crianças, mapeamos os seus interesses e as brincadeiras que iríamos explorar. Após o contato com obras de arte que retratavam brincadeiras infantis por meio de vídeos, elas produziram desenhos e narrativas sobre as brincadeiras que gostariam de vivenciar, movimento que pode ser visto na Imagem 2:

Imagem 2 – Mapeando interesses



Fonte: os autores

A partir desse processo, buscou-se orientar a organização inicial dos encontros. Para além de identificar quais brincadeiras apareciam com mais frequência, os desenhos e as narrativas das crianças sobre suas produções se configuraram como as primeiras *pistas* (Ginzburg, 1989) para guiar o percurso investigativo.

Reconhecer esses interesses não garantia, por si só, essa parceria. Ela precisou ser continuamente construída e renegociada ao longo dos encontros. Após a escolha das primeiras brincadeiras a serem exploradas, o desafio seguinte foi o de descobrir como a coautoria se materializaria na prática. O primeiro encontro, nesse sentido, trouxe *pistas* importantes sobre as possibilidades de envolvimento das crianças com a proposta investigativa: “As crianças se envolveram rapidamente com a ideia de resolver o mistério, preciso buscar uma forma de manter o mistério ao longo dos encontros” (Diário de Campo, 20-3-25). Foi nesse contexto que

CRIANÇAS COMO PARCEIRAS DE INVESTIGAÇÃO: ESCUTA, ÉTICA E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NO ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Jaqueline Costa de Lima • Rodrigo Lema Del Rio Martins

propus às crianças explorar a “Caixa do mistério” (Imagem 3) que, a cada encontro, traria um brinquedo ou brincadeira a ser explorado por nós.

Imagem 3 – “Caixa do mistério”



Fonte: os autores

A escolha desse dispositivo não se deu apenas por sua dimensão lúdica, mas por permitir construir uma linguagem compartilhada com as crianças, favorecendo sua participação na investigação e dando continuidade ao enredo de mistério que foi tão bem aceito pelas crianças.

A princípio, pensei uma organização mínima a ser seguida a cada encontro, garantindo momentos de exploração das crianças e outros de atuação mais dirigida da minha parte. Porém, as *pistas* (Ginzburg, 1989) deixadas pelas crianças indicavam outras possibilidades: o tempo que as crianças permaneciam envolvidas nas brincadeiras, suas perguntas, propostas e formas de organizar as experiências apontavam que o que eu havia previsto nem sempre correspondia ao que emergia no encontro com as crianças. Questionamentos como: **“Tia, você vai escolher também?”** (Pedrinho); **“Posso inventar uma ideia?”** (Velma); **“Posso explicar pra eles?”** (Narizinho) se constituíram como *indícios* (Ginzburg, 1989) por meio dos quais fui compreendendo que a organização se daria no desenrolar de cada encontro, a cada situação emergente, e que a exploração das crianças e a minha atuação aconteceriam de forma integrada, e não em momentos demarcados pelo tempo *Chronos*, do relógio.

Aos poucos, ficou claro que, na condição de adulta, precisaria desacelerar e esperar as crianças sinalizarem seus interesses, e não me prender a um roteiro rígido de pesquisa. Essa percepção, ao longo do estudo, configurou-se como um exercício de reflexividade que não poderia ficar restrito ao momento da análise dos dados, mas deveria perpassar toda a investigação, concordando com Carvalho, Santos e Machado (2022) que apontam a permanente reflexão sobre a investigação como um princípio ético a ser garantido.

CRIANÇAS COMO PARCEIRAS DE INVESTIGAÇÃO: ESCUTA, ÉTICA E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NO ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Jaqueline Costa de Lima • Rodrigo Lema Del Rio Martins

Essa escuta também se expressou na dinâmica do “brinquedômetro” (Imagem 4), um termômetro dos brinquedos e brincadeiras no qual as crianças, organizadas em pequenos grupos, puderam apreciar novamente as obras que retratavam brincadeiras tradicionais, impressas em formato de fotografias do tipo polaroid, e escolheram as próximas brincadeiras a serem vivenciadas.

Imagem 4 – Brinquedômetro



Fonte: os autores

Esse momento de escolhas ocorreu no meio da pesquisa, ocasionando uma nova reorientação, especialmente quando as crianças propuseram explorar mais de um “mistério” no mesmo encontro: “**Tia, uma brincadeira é pouco**” (Sherlock); “**Pode mais mistérios?**” (Velma); “**Vamos brincar de mais mistérios**” (Narizinho). Mais do que escolher novas brincadeiras, elas tensionaram as escolhas iniciais, exercendo sua autoria não apenas nas experiências do brincar, mas também na construção do percurso investigativo.

Suas contribuições deixaram de ocupar somente o momento inicial da pesquisa e passaram a orientar continuamente as decisões tomadas ao longo do percurso. Segundo Carvalho e Guizzo (2020), existem muitas oportunidades durante o percurso investigativo de se ouvir as crianças e, a partir dessas proposições, (re)orientar as tomadas de decisões. Além disso, os mesmos autores ainda apontam para uma mudança na “posse” da pesquisa, que sai da figura de *minha*, para *nossa* (Carvalho; Guizzo, 2020).

Como último movimento pensado previamente, o encerramento do percurso investigativo ocorreu por meio da proposta da “Caça ao mistério das brincadeiras” (Imagem 5), resgatando, a cada pista, memórias do que havia sido vivido pelo grupo. Entretanto, o que havia sido planejado como um fechamento tornou-se uma reflexão sobre a própria pesquisa.

CRIANÇAS COMO PARCEIRAS DE INVESTIGAÇÃO: ESCUTA, ÉTICA E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NO ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Jaqueline Costa de Lima • Rodrigo Lema Del Rio Martins

Imagem 5 – Caça ao mistério das brincadeiras



Fonte: os autores

Ao final da proposta, as crianças foram convidadas a pensar sobre o que foi a investigação, e nesse momento, emergiram falas como: **“Eu gostei de brincar como sei”** (Velma); **“Gostei brincar juntos inventando”** (Emília); **“Gostei de investigar o mistério e tirar fotos”** (Tintim). Suas narrativas traziam à memória, principalmente, o quanto se sentiram valorizados em suas autorias em relação ao brincar e na condição de parceiras de pesquisa, valorizando em suas narrativas suas participações na produção dos dados.

Para além da escuta no encerramento da pesquisa, juntos fizemos um momento de devolutiva, compreendendo que a investigação não se encerrou no último encontro, mas continuou reverberando em outros âmbitos. As crianças, que foram minhas parceiras nessa construção, deveriam também ser as primeiras apreciadoras da produção que resultou desse processo. A Imagem 6, a seguir mostra esse momento de interação com os resultados da pesquisa realizada com elas:

Imagem 6 - Devolutiva com as crianças



Fonte: os autores

Durante esse momento, algumas crianças como Tintin e Salsicha lembraram de brincadeiras: **“Tia foi o dia da amarelinha”**, **“Aqui foi o patinete”**. Outras reconheceram suas produções, como a Velma que demonstrou surpresa: **“Tia, meu desenho!”**, e Cérebro que identificou seu registro: **“Eu que tirei essa foto”**. Algumas apontaram suas preferências, dentre elas Sherlock: **“Essa foto tá mais bonita”**, e Narizinho: **“Nossa escola tá no livro”**. A intenção foi que elas tomassem conhecimento tátil, visual, olfativo e auditivo do material, para que, além de conhecer, se reconhecer nele. Como nos ensina Nilda Alves (2019), vivenciar os cotidianos escolares exige mobilizarmos todos os nossos sentidos nessa experiência de ser e estar em espaços educativos institucionais.

Esses movimentos evidenciam que a parceria não se estabeleceu como um procedimento previamente definido, mas foi sendo construída nas sucessivas negociações em torno do planejamento, das brincadeiras e das formas de participação das crianças. Assim, sua participação não permaneceu restrita a momentos específicos, mas passou a constituir o próprio desenvolvimento da pesquisa.

A ética não pode ser pensada como cumprimento de exigências formais, mas como uma prática relacional, marcada pela disposição do pesquisador em reconhecer as crianças como interlocutoras legítimas na condução da investigação. Nesse sentido, Mello *et al.* (2015, p. 39) apontam que a consideração pelo pesquisador das: “[...] transgressões infantis, as suas expectativas, as suas dúvidas e questionamentos, suas hipóteses e formulações, é imperativa na produção de conhecimentos com as crianças”.

As narrativas como possibilidade de escuta

A construção da parceria com as crianças trouxe consigo outro desafio: como produzir uma pesquisa que não se encerrasse no discurso teórico das crianças como participantes, mas que efetivamente valorizasse as suas falas ao longo de todo o processo investigativo. Com efeito, buscamos compreender as diferentes linguagens infantis não apenas como fonte de dados, mas como formas de expressão capazes de produzir sentidos sobre o processo investigativo, em consonância com os pressupostos da Sociologia da Infância (Sarmiento, 2008; Corsaro, 2011) e com o compromisso ético-metodológico assumido na pesquisa.

Assim, mais do que criar possibilidades de escuta, tornou-se um desafio refletir sobre o que fariamos com aquilo que as crianças produziram ao longo da investigação. Desafio este posto no reconhecimento dos desenhos, das falas, dos gestos, das brincadeiras e das demais narrativas infantis, não como ilustrações das interpretações adultas, mas de reconhecê-las como

constitutivas do próprio processo investigativo. Para isso, articulamos diferentes possibilidades de escuta ao longo da pesquisa, buscando valorizar a pluralidade de linguagens por meio das quais as crianças narravam suas experiências, sejam elas em momentos estruturados ou não.

Nas primeiras reflexões sobre como possibilitar essa coautoria com as crianças, tornou-se evidente que não bastava criar espaços de participação. Era necessário construir possibilidades para que elas narrassem suas experiências e atribuíssem sentidos ao percurso investigativo. Não se tratava de escutar para confirmar um desejo adulto, promovendo uma “liberdade” que, na verdade, já vinha roteirizada, mas de reconhecer as narrativas infantis como produções legítimas no processo de investigação.

Para tanto, para além dos instrumentos mobilizados na pesquisa, foi necessário exercitar uma escuta sensível e um olhar atento às diferentes formas pelas quais as crianças se expressavam (Brostolin; Azevedo, 2021). Como afirmam Barbosa, Zandominegue e Mello (2020, p. 18), “a escuta da criança perpassa por estar atento às suas práticas”. Assim, buscamos compreender as narrativas infantis em um sentido ampliado, entendendo que elas se produzem não apenas na oralidade, mas também pelos gestos, brincadeiras, desenhos, fotografias e demais linguagens mobilizadas pelas crianças ao longo da investigação.

Essa compreensão se materializou ao longo da investigação, quando as crianças passaram a narrar suas experiências por diferentes linguagens. Os desenhos produzidos, as fotografias registradas por elas, as conversas espontâneas, as brincadeiras e gestos revelavam aspectos da pesquisa que dificilmente emergiriam apenas por meio de perguntas e respostas roteirizadas. Durante a pesquisa, pude ouvir **“Tia posso tirar foto do que é mais importante?”** (Cérebro); **“Nossos desenhos vão ser de brincar?”** (Velma); **“Eu posso ajudar o colega?”** (Sherlock); **“Você pode escolher uma brincadeira também?”** (Narizinho). Ao ampliar o entendimento de narrativa, ampliava-se também a possibilidade de escutar as crianças, como podemos observar na Imagem 7.

CRIANÇAS COMO PARCEIRAS DE INVESTIGAÇÃO: ESCUTA, ÉTICA E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NO ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Jaqueline Costa de Lima • Rodrigo Lema Del Rio Martins

Imagem 7 – Produção de narrativas



Fonte: os autores

A escolha por mais de um instrumento para a produção dos dados se deu pela diversidade de formas de linguagem que as crianças apresentavam, e somente uma forma de registro não daria conta de esmiuçar os detalhes das ações cotidianas. A esse respeito, Mello *et al.* (2015, p. 39, destaque dos autores) destacam:

a necessidade de auscultar as múltiplas linguagens infantis, sobretudo a corporal, que, por meio de suas práticas cotidianas, fornecem pistas sobre os anseios, desejos e necessidades das crianças e contribuem para a compreensão do que se passa ‘entre elas’.

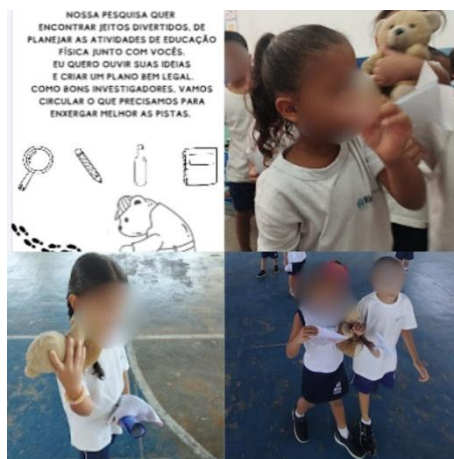
Nessa perspectiva, os diferentes instrumentos mobilizados ao longo da investigação foram pensados menos como instrumentos de coleta de dados e mais como possibilidades de produção de narrativas. Em uma lógica de *ação-reflexão-ação* (Barbier, 2002), as crianças foram convidadas diariamente a narrarem suas experiências, permitindo que seus registros, falas, desenhos, fotografias e demais produções reorganizassem o próprio percurso investigativo.

A incorporação do Ursinho Ted à pesquisa (Imagem 8), proposta pelas próprias crianças, ampliou as possibilidades de produção de narrativas ao longo da investigação.

Imagem 8 – Parceiro de investigação

CRIANÇAS COMO PARCEIRAS DE INVESTIGAÇÃO: ESCUTA, ÉTICA E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NO ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Jaqueline Costa de Lima • Rodrigo Lema Del Rio Martins



Fonte: os autores

Ted não era somente um personagem, ele se tornou um interlocutor que favorecia a expressão das experiências vividas, criando um contexto mais próximo às crianças. Zandominegue, Alves e Zanotto (2023) apontam que o *consumo produtivo* das crianças pelos considerados instrumentos de pesquisa tem sido uma indicação recorrente dos pesquisadores que se dedicam aos estudos com as infâncias. Barbosa, Zandominegue e Mello (2020) apontam que reconhecer as produções culturais infantis se efetiva por meio desse “fazer com” as crianças.

Ao final de cada encontro, durante as rodas de conversa, as crianças eram convidadas a “contar ao Ted” como foi aquele encontro com a professora-pesquisadora de Educação Física. Esse “contar” assumiu diferentes formas (Imagem 9). Escrevemos cartas, gravamos mensagens, produzimos desenhos e fotografias, entre outras produções que foram sendo criadas e ressignificadas pelas crianças.

Imagem 9 – “Contando” o encontro



Fonte: os autores

Nesse contexto de produção das narrativas, um novo desafio emergia em minhas anotações: “[...] o que fazer com aquilo que as crianças produziram? Como vou interpretar essas narrativas sem reduzi-las a ilustrações do meu olhar adulto ou apagar as singularidades de suas experiências?” (Diário de campo, 10-4-2025).

Essas questões conduziram o movimento analítico e reforçaram a compreensão de que a ética da pesquisa não se encerrava na produção dos dados, mas se estendia à forma como eles seriam lidos e interpretados (Carvalho; Santos; Machado, 2022).

Nesse processo de reflexão, assumimos o *Paradigma Indiciário* (Ginzburg, 1989) como perspectiva que orientou a leitura das narrativas produzidas na investigação. Não me interessava buscar regularidades ou categorias previamente definidas, o que me movia era olhar para os dados a partir de *indícios* (Ginzburg, 1989) presentes nas ações, narrativas e interações das crianças, possibilitando a compreensão de seus modos de participação no planejamento dos encontros.

Cada encontro foi retomado com ênfase nas marcas deixadas pelas crianças, percebendo os *indícios* (Ginzburg, 1989) e sentidos que emergiram nas interações, buscando, como apontam Martins Filho e Martins Filho (2021, p. 298), “[...] ouvir a viva voz das crianças para, nas pesquisas com elas, revelar um olhar diverso sobre a infância”. Mais do que interpretar os dados, tratou-se de sustentar uma postura ética diante das produções infantis, evitando transformá-las em ilustrações das interpretações adultas e reconhecendo nelas produções legítimas do conhecimento.

Assumir essa postura ética demandou muito mais do que escolhas metodológicas, exigiu um posicionamento crítico e reflexivo da professora-pesquisadora diante das produções das crianças. Por esse ângulo, reconhecê-las como parceiras de investigação implicou deslocar o olhar adulto, buscando compreender suas ações a partir dos sentidos que elas próprias atribuíam às experiências vividas, e não apenas das expectativas da pesquisa. Concordamos com Carvalho, Santos e Machado (2022, p. 27) que entendem que: “[...] os modos como narramos as crianças nas pesquisas, apresentamos os seus pontos de vista e analisamos os dados gerados retêm as nossas concepções de crianças, infâncias e Educação Infantil”.

Para Barbosa, Camargo e Mello (2020), as lógicas das práticas infantis podem, à primeira vista, parecer sem importância, no entanto, são justamente essas práticas que revelam *pistas* acerca dos saberes, dos desejos e das demandas das crianças. Assim, o exercício de um olhar atento às *pistas* (Ginzburg, 1989) e aos detalhes sutis possibilitou não apenas identificar padrões, mas também reconhecer singularidades e sentidos que emergiram nos cotidianos das crianças.

Produzir e interpretar narrativas infantis revelou que a ética da pesquisa com crianças não se restringe aos procedimentos que antecedem a entrada no campo, mas constitui uma dimensão que perpassa todo o processo investigativo (Carvalho; Guizzo, 2020). É justamente nesse movimento que emergem novos desafios, relacionados não apenas à forma de produzir conhecimento com as crianças, mas também às escolhas, tensões e responsabilidades implicadas em pesquisar com elas.

Desafios da pesquisa com crianças

No cotidiano da investigação, a ética deixou de ser um conceito abstrato e passou a ser tensionada pelas situações vividas com as crianças. Em diferentes momentos, emergiram desafios relacionados às propostas, aos imprevistos da rotina escolar e às expectativas construídas tanto por mim, enquanto professora-pesquisadora, quanto pelas próprias crianças diante de um novo mistério a ser desvendado. A pesquisa exigia, continuamente, negociar decisões, rever encaminhamentos e acolher acontecimentos que escapavam ao planejamento inicial.

Aos poucos, tornou-se evidente que pesquisar com as crianças não se construiria instantaneamente, nem em linha reta, mas como um processo entre o previsto e o vivido, entre minhas projeções e as construções e ressignificações propostas pelas crianças.

Sobre esse aspecto, Carvalho e Guizzo (2020) indicam que os pesquisadores que estão junto às crianças precisam estar atentos aos detalhes, não devem temer a transparência, nem diante dos “erros” nem dos “acertos” da pesquisa. E é a partir dessas ressignificações que se inicia o primeiro desafio: escutar as crianças sem controlar suas hipóteses e experimentações, e mais ainda sem transformar essa escuta em uma falsa participação.

Esse desafio tornou-se evidente quando as crianças passaram a reconfigurar os próprios instrumentos de pesquisa, sobretudo ao pedirem que o Ursinho Ted (presente no TALE) viesse pesquisar com elas, ao manifestarem a vontade de registrar as fotos e nas narrativas produzidas nas rodas de conversa.

Ao longo das próprias experimentações das brincadeiras, tivemos alguns momentos de negociação: um exemplo disso foi quando interrompi o encontro por conta da invasão de um cachorro, e na roda de conversa Emília questionou: **“Todos não têm que brincar?”**. Segundo Marchi e Evangelista (2023), para que ocorram brincadeiras e outras interações, tanto entre as crianças, quanto entre as crianças e adultos, é necessário fazer negociações, resolver disputas e aceitar ou resistir às normas desse espaço de convivência.

CRIANÇAS COMO PARCEIRAS DE INVESTIGAÇÃO: ESCUTA, ÉTICA E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NO ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Jaqueline Costa de Lima • Rodrigo Lema Del Rio Martins

Outro momento em que precisei exercitar essa escuta foi no momento de apresentação da pesquisa e de mapeamento das brincadeiras. A proposta inicial era conhecer obras de arte que tematizavam brincadeiras tradicionais, e, em seguida, produzir desenhos das brincadeiras que fossem da sua preferência. O próprio momento do desenho já se mostrou rico, pois pude observar a interação entre as crianças, que olhavam as produções dos colegas, faziam perguntas e comentavam as brincadeiras:

Ao iniciarmos os desenhos, me preocupei com as conversas, achando que iriam desenhar as mesmas brincadeiras. Mas ao me aproximar percebi que conversavam sobre as brincadeiras que cada um desenhava, falavam sobre onde e com quem brincavam, compartilhando seus próprios sentidos sobre o brincar “**Meu pai que solta pipa**” (Tintim); “**Eu aprendi pião**” (Cérebro) (Diário de campo, 20-3-2025).

Num primeiro instante, minha preocupação era com os desenhos, mas ao me aproximar e olhar com mais atenção, percebi que, na verdade, elas iam conversando e produzindo seus próprios desenhos, o que me alertou para o risco de reduzir as ações das crianças à minha visão adultocêntrica.

Interpretar as ações e narrativas das crianças sem reduzi-las a meras ilustrações foi um desafio recorrente, presente desde a escolha das brincadeiras até o momento de reler e revisitar o processo vivido. Nesse movimento, percebi que o planejamento com as crianças não se constituía apenas nos registros produzidos, mas também na observação atenta dos gestos, dos sentidos e das pequenas invenções que surgiam durante os encontros.

Cada experiência trazia a necessidade de me reconstruir como professora e pesquisadora, revisando certezas e redimensionando minha compreensão sobre o fazer com as crianças. Trevisan (2015) aponta que para o sucesso de uma investigação com crianças, o adulto precisa permitir-se estar nesse lugar de “incompetência” perante o conhecimento das crianças. Ouvi-las de fato implicou ir além da observação, perguntando-lhes sobre suas produções e buscando compreender os sentidos que atribuíam em cada encontro.

Esse movimento se deu principalmente nas produções dos registros visuais produzidos pelas crianças, fossem eles desenhos ou fotografias. Nos desenhos, buscávamos compreender a complexidade do que desejavam comunicar; nas fotografias, buscávamos perceber o que valorizavam como registro do cotidiano da pesquisa. Foi na escuta de suas narrativas que se revelaram sentidos muito diferentes daqueles que meu olhar adulto percebia. Martins Filho e Barbosa (2010) apontam que existem quatro aspectos a serem considerados na análise dos desenhos: a criança que desenha, o desenho, a fala do autor sobre e o contexto em que foi

produzido, compreendemos que esses aspectos também são igualmente importantes na análise de qualquer registro produzido pelas crianças.

Se interpretar as narrativas das crianças já exigia um exercício permanente de deslocamento do olhar adulto, narrá-las na escrita acadêmica trouxe um desafio adicional. Zandominegue, Alves e Zanotto (2023) apontam que essa é uma dificuldade recorrente do campo, em que muitas vezes predominam as perspectivas adultas sobre as narrativas infantis. Ao selecionar episódios, transcrever falas e construir análises, tornou-se necessário refletir continuamente sobre quais vozes estavam sendo evidenciadas e quais poderiam ser silenciadas nesse processo. Afinal, toda escrita é uma escolha e, ao mesmo tempo em que organiza a experiência vivida, também corre o risco de apagar aspectos que escapam às interpretações da professora-pesquisadora.

Fernandes (2016) indica que a reflexão sobre os dados produzidos com as crianças é uma das dimensões menos exploradas da ética na pesquisa com crianças, especialmente no que se refere aos cuidados éticos na análise, interpretação e produção dos textos a partir de suas narrativas. Nessa mesma direção, Carvalho, Santos e Machado (2020) apontam a reflexividade como um princípio ético que deve perpassar todo o processo investigativo.

Compreendemos que a ética da pesquisa não se encerrava na produção ou na interpretação das narrativas, mas se estendia ao próprio ato de escrever sobre as crianças. Segundo Trevisan (2015, p. 144) “[...] mais do que separar adultos e crianças nas análises que se produzem, é mais importante perceber aquilo que as distingue e diferencia, mas ao mesmo tempo, os modos complexos e interdependentes como se relacionam”.

Outro desafio permanente foi lidar com a imprevisibilidade própria da pesquisa com crianças. Embora houvesse um pré-planejamento que orientava os encontros, a investigação era constantemente atravessada por acontecimentos que escapam às previsões: mudanças nas brincadeiras, negociações entre as crianças, conflitos, interesses que emergiam no decorrer das propostas e situações inesperadas da própria rotina escolar. Longe de serem obstáculos ao desenvolvimento da pesquisa, esses acontecimentos passaram a ser compreendidos como parte constitutiva da ética da investigação, exigindo da professora-pesquisadora respeito às demandas das crianças e sensibilidade para rever percursos, negociar decisões e acolher novas possibilidades de construção coletiva.

Concordamos com Fernandes e Marchi (2020) ao defenderem que é preciso refletir criticamente sobre a participação das crianças, compreendendo que ela envolve uma mudança nos métodos da pesquisa e, portanto, também na relação entre adultos e crianças, que não assume um caráter de submissão, mas de mediação, interação e negociação.

Um último desafio esteve relacionado à própria intervenção da professora-pesquisadora. Reconhecer as crianças como parceiras da investigação não significava abdicar da responsabilidade adulta, mas refletir continuamente sobre quando intervir, como intervir e de que modo as decisões poderiam ser compartilhadas. A construção da coautoria exigia equilibrar a abertura às proposições infantis com o compromisso de garantir condições de participação, cuidado e segurança ao longo das atividades pedagógicas que ancoram a pesquisa.

Esse desafio tornou-se evidente durante uma proposta de pique-esconde:

[...] quando as crianças reivindicaram a utilização de espaços pouco explorados da escola. A solicitação tensionava a própria construção da coautoria e da escuta, uma vez que acolher a proposição das crianças implicava considerar seus interesses e, ao mesmo tempo, refletir sobre as condições de segurança para sua realização (Diário de Campo, 24-4-2025).

Em diálogo com Tomás (2017), compreendemos que o direito das crianças à exploração dos diferentes espaços da escola também constitui uma dimensão importante de sua participação. Assim, por meio de conversas e negociações coletivas, estabelecemos alguns combinados que possibilitaram a utilização desses espaços de forma segura.

Esse episódio evidenciou que a intervenção adulta não se opõe, necessariamente, à coautoria. Ao contrário, quando construída por meio do diálogo e da negociação, ela também pode fortalecer a participação das crianças. Ao reivindicarem novas regras, proporem outros percursos e ampliarem os sentidos da brincadeira, as crianças não apenas participaram da pesquisa, mas reorientaram continuamente o próprio percurso da investigação, reafirmando a *agência infantil* (Sirota, 2001) como elemento constitutivo da prática investigativa.

Os desafios apresentados ao longo desta seção evidenciaram que as ações das crianças não se restringiam aos momentos previamente planejados para a sua participação. Em diferentes situações, elas reinterpretavam propostas, negociavam percursos, atribuíam novos sentidos às brincadeiras e, muitas vezes, reorientavam o próprio desenvolvimento da investigação. Foi nesse movimento que se tornou possível reconhecer a centralidade da *agência infantil* (Sirota, 2001), compreendida não como um atributo abstrato, mas como a capacidade das crianças de agir, produzir sentidos e tensionar continuamente o planejamento, a escuta, as interpretações e as decisões da professora-pesquisadora (Lima, 2026).

Em muitos momentos, assim como as crianças, eu também não sabia exatamente “o que podia” acontecer. Tratou-se de um processo de descoberta conjunta, no qual as ações e narrativas infantis deslocavam minhas próprias expectativas sobre a pesquisa e exigiam constantes revisões das decisões tomadas ao longo do percurso investigativo. Foi justamente

nesse movimento reflexivo que a ética se materializou em ato, e não apenas como protocolos a serem seguidos, se efetivando como prática compartilhada com as crianças.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo refletir sobre os desafios éticos emergentes no processo de pesquisa com crianças, tomando como ponto de partida uma investigação desenvolvida em parceria com crianças da Educação Infantil. Mais do que pensar os aspectos éticos numa perspectiva de descrever os procedimentos adotados, buscamos retomar nossa reflexão compreendendo a ética como uma dimensão constitutiva da própria investigação, produzida e continuamente reconstruída nas relações estabelecidas entre a pesquisadora e as crianças.

As análises evidenciaram que a construção da pesquisa com as crianças exige deslocamentos que perpassam todas as etapas da pesquisa, tensionando principalmente a centralidade do adulto e as relações de poder envolvidas na construção dessa parceria com as crianças. Desde a entrada no campo, a apresentação da pesquisa, e o convite à investigação, até a construção efetiva dessa parceria demandou repensar modos de participação que não se assentassem somente em aspectos técnicos. O TALE, os dispositivos de escuta e as escolhas metodológicas mostraram-se menos como procedimentos e mais como oportunidades para construir relações de confiança, negociação e coautoria.

Ao longo da investigação, a ética continuou tensionando seu espaço na produção de dados, interpretação das narrativas e devolutiva da investigação. Reconhecer as produções infantis como parte constitutiva e basilar da pesquisa implicou assumir uma postura de escuta permanente, deslocando a postura *adultocêntrica* e produzindo interpretações comprometidas com os sentidos atribuídos pelas próprias crianças às experiências vividas no contexto da Educação Física. Do mesmo modo, a elaboração da devolutiva da pesquisa buscou ampliar esse compromisso ético, permitindo que as crianças produzissem conhecimento e que, também, pudessem reconhecer-se no percurso construído coletivamente.

Os desafios discutidos neste estudo, escutar sem controlar, interpretar sem reduzir, narrar sem apagar as vozes infantis, lidar com imprevistos e refletir continuamente sobre quando intervir, evidenciam que a ética não se constitui em um ato isolado ou uma etapa previamente garantida legalmente por meio de um Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos. Ao contrário, mostrou-se como um processo situado, relacional e permanentemente tensionado pelas interações realizadas no contexto da investigação, exigindo da professora-

CRIANÇAS COMO PARCEIRAS DE INVESTIGAÇÃO: ESCUTA, ÉTICA E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NO ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Jaqueline Costa de Lima • Rodrigo Lema Del Rio Martins

pesquisadora uma postura reflexiva contínua em busca da concretização da parceria com as crianças.

Reconhecemos que por ser uma experiência situada, com crianças e contexto específicos, esses desafios podem se desdobrar de diferentes formas em outros cotidianos. Entretanto, acreditamos que narrar o vivido pode contribuir com as reflexões sobre a ética enquanto processo a ser experienciado e compartilhado com as crianças, em investigações que as considerem como parceiras de pesquisa e não objetos de estudo.

Referências

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. *In*: ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje**. São Paulo: Cortez, 2019. p. 154-157.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães; CAMARGO, Maria Cecília da Silva; MELLO, André da Silva. A complexidade do brincar na Educação Infantil: reflexões sobre as brincadeiras lúdico-agressivas. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 31, p. e3156, 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/OuHj>. Acesso em: 10 jun. 2026.

BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães; ZANDOMINEGUE, Bethânia Alves Costa; MELLO, André da Silva. Práticas brincantes e narrativas infantis nos espaçostempos da educação física com a educação infantil: análises a partir da sociologia da infância. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 22, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/psyj>. Acesso em: 10 jun. 2026.

BROSTOLIN, Marta Regina; AZEVEDO, Ana Paula Zaikievicz. A participação da criança na pesquisa: entre possibilidades e limites. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 23, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://encurtador.com.br/vzbi>. Acesso em: 13 jun. 2026.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; SANTOS Nathalia Scheuermann dos; MACHADO Sandro. Pauta ético-metodológica em discussões sobre pesquisa com (sobre/para) crianças na Educação Infantil. *In*: CARVALHO, Rodrigo Saballa de (org.) **Percursos investigativos em pesquisas com (sobre) para crianças na Educação Infantil**. 1.ed. Porto Alegre: CirKula, 2022. p. 25-56.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; GUIZZO, Bianca Salazar. As crianças como sujeitos de pesquisa: desafios e perspectivas no campo da educação infantil. *In*: DE LA FARE, Mônica *et al.* (orgs.). **Bastidores da pesquisa em instituições educativas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2020. p. 291-311.

CARVALHO, Alexandre Filordi de; MÜLLER, Fernanda. Ética nas pesquisas com crianças: uma problematização necessária. *In*: MÜLLER, Fernanda (org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 65-84.

CORSARO, Willian. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COUTINHO, A. S. Os novos estudos sociais da infância e a pesquisa com crianças bem pequenas. **Revista Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 3, p. 762-773, 2017. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5426>. Acesso em: 14 maio 2026.

FERREIRA, Manuela; TOMÁS, C. Investigação com crianças: é possível escapar à observação? In: VIEIRA, Cristina (org.). **Temas, Contextos e Desafios da Investigação Qualitativa em Educação**. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, 2022. p. 269-296.

FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 66, p. 759-779, jul. 2016. Disponível em: <https://encurtador.com.br/idBs>. Acesso em: 10 jun. 2026.

FERNANDES, Natália.; MARCHI, Rita de Cássia. A participação das crianças nas pesquisas: nuances a partir da etnografia e na investigação participativa. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, p. e250024, 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/ZnhZ>. Acesso em: 10 jun. 2026.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIMA, Jaqueline Costa de; **O planejamento da Educação Física com a Educação Infantil em uma perspectiva de coautoria**. 2026. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2026.

MARCHI, Rita de Cássia; EVANGELISTA, Nislândia Santos. A Sociologia da Infância e o conceito de culturas infantis: aspectos e implicações teóricas. **Educação**, Santa Maria, v. 48, n. 1, p. e122/1-25, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/zYDG>. Acesso em: 10 jul. 2026.

MARTINS, Jardielly Alencar Vasconcelos *et al.* As contribuições da Sociologia da Infância para as pesquisas da Educação Física com crianças. **Revista Cocar**, Belém, v. 20, n. 38, p. 1-19, 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Xxbb>. Acesso em: 19 maio 2026.

MARTINS FILHO, Altino José; MARTINS FILHO, Lourival José, Pesquisas com crianças: deixar fazer viver a viva voz das crianças. **Revista Didática Sistemica**, Rio Grande, v. 23, n. 1, p. 287-300, 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reds/article/view/11959>. Acesso em: 10 jun. 2026.

MELLO, André da Silva; BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio. Crianças como praticantes do cotidiano: uma perspectiva metodológica para produção de conhecimentos com as infâncias. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 23, p. 861-873, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/lGkM>. Acesso em: 5 maio 2026.

MELLO, André da Silva *et al.* Pesquisas com crianças na educação infantil: diálogos interdisciplinares para produção de conhecimentos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 28-43, 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/dMIv>. Acesso em: 8 jun. 2026.

CRIANÇAS COMO PARCEIRAS DE INVESTIGAÇÃO: ESCUTA, ÉTICA E PRODUÇÃO DE
NARRATIVAS NO ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Jaqueline Costa de Lima • Rodrigo Lema Del Rio Martins

PINAZZA, Mônica Appezzato; FOCHI, Paulo Sérgio. Documentação Pedagógica: observar, registrar e (re)criar significados. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 184-199, 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/EgYc>. Acesso em: 20 jun. 2026.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. “As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo”. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (org.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997. p. 9-30.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (orgs.) **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Uma agenda crítica para os estudos da criança. **Currículo sem Fronteiras**, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 31-49, jan./abr., 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gITI>. Acesso em: 10 maio 2026.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 7-31, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/X8n4RcnLnhdybsVSwNG5Twv>. Acesso em: 02 maio 2026.

TREVISAN, Gabriela. Aprendizagens na construção de pesquisa com crianças e sobre as crianças. **Currículo sem fronteiras**, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 142-154, jan./abr., 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/hwuB>. Acesso em: 5 jun. 2026.

ZANDOMINEGUE, Bethânia Alves Costa; MELLO, André da Silva; BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães. Participação-escuta das crianças na Educação Infantil. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v.9, n. 7, p. e06973758, 2020. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/rsd/article/view/3758/3183>. Acesso em: 5 maio 2026.

SOBRE OS/AS AUTORES/AS

Jaqueline Costa de Lima. Mestre em Educação Física pelo ProEF – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora de Educação Física na Prefeitura do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Pesquisa em Docência na Educação Física (GPDEF). <http://lattes.cnpq.br/5661335367301119>.

Rodrigo Lema Del Rio Martins. Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), nos cursos de graduação em Educação Física e em Pedagogia e nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Educação Física. Líder do Grupo de Pesquisa em Docência na Educação Física (GPDEF). <http://lattes.cnpq.br/9215131825606115>.

Como citar

LIMA, Jaqueline Costa de; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio. Crianças como parceiras de investigação: escuta, ética e produção de narrativas no encontro com a educação física. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 7, n. 14, p. 1-23, jan./dez. 2026.

